

Observações sobre a origem da moralidade: uma aproximação entre Heidegger e Winnicott

César R. F. de Souza

E-mail: csouza@puccs.br

Resumo: A partir da aproximação entre as concepções de Heidegger e Winnicott sobre a condição existencial do ser humano, este texto propõe que a fase do desenvolvimento emocional primitivo, que Winnicott chama “estágio de *concernimento*”, pode nos auxiliar a compreender a origem do fenômeno essencial da *Fürsorge* – a capacidade de *importar-se-com*, de cuidar de, um outro –, que Heidegger descreve, em *Ser e tempo*, como característica estrutural essencial do modo de *ser-com-outros* do Dasein. Essa aproximação abre caminho para a elaboração de uma interpretação ontológico-existencial dos resultados do processo de amadurecimento pessoal relativos à origem da moralidade.

Palavras-chave: ser humano; existência; origem; moralidade.

Abstract: From the approach between Heidegger's and Winnicott's conceptions about the existential condition of the human being, this paper proposes that the phase of primitive emotional development, which Winnicott calls “stage of concern”, can help us to comprehend the origin of the essential phenomenon of *Fürsorge* – the capacity of a human being to have concern for, to care about, another –, which Heidegger describes, in *Being and time*, as the essential structural characteristic of Dasein's way of *being-with-others*. This approach opens a path to prepare an ontological-existential interpretation of the results of the maturational process related to the origin of morality.

Key-words: human being; existence; origin; morality.

A descrição *ôntico-ontológica* do ser humano: aproximações entre Heidegger e Winnicott

Para Winnicott, o que chamamos “natureza humana” “é quase tudo o que possuímos” (1988, p. 21). Afora o que recebemos da natureza como herança biológica, é tudo o que construímos a partir da existência e durante ela. Ao nascermos, herdamos tanto a natureza biológica como a natureza humana, mas em sentidos distintos: recebemos a primeira como condição para a nossa vivência e a segunda como vivência de nossa condição.

Winnicott descreve o desenvolvimento humano individual, do nascimento à morte, como um processo essencialmente relacional: dependência absoluta no nascimento; dependência relativa nos primeiros tempos; independência relativa na vida adulta, retornando a uma dependência relativa (e às vezes absoluta) na terceira idade (cf. Dias 2003, pp. 97-8). Nunca deixamos de depender do outro para existirmos.

Ao estudar o ser humano sob a perspectiva de seu desenvolvimento, Winnicott descreve esse processo como uma tendência ao amadurecimento, que se dá no tempo de nossa existência, e que pode ser bem ou malsucedido. A natureza humana, assim, é o que construímos entre nascimento e morte. De uma série dispersa de percepções em um corpo ainda não integrado, nos primeiros tempos de vida, a uma tendência à integração *psicossomática*, no correr do tempo (1988, pp. 136-41).

De acordo com Winnicott, no entanto, esse processo de amadurecimento depende de recebermos, desde o início, a ajuda adequada para iniciarmos nossa jornada em direção à morte. Para ingressarmos no mundo, estabelecermos uma relação com os objetos e com outros como nós, necessitamos sermos ajudados; o modo como formos assistidos nesse início determina o sucesso ou fracasso de nosso processo de amadurecimento.

A concepção de Winnicott sobre a condição humana permite-nos aproximá-la do que poderíamos chamar uma caracterização estrutural do ser humano sob a perspectiva de sua existência, desenvolvida por

Heidegger em *Ser e tempo* (1927). As descrições de Winnicott dos processos inerentes ao desenvolvimento humano em direção ao amadurecimento podem ser consideradas, na linguagem de Heidegger, ôntico-ontológicas, na medida em que partem do *vivido* ao *teórico* – Winnicott trabalha no nível ôntico, fazendo (implícita ou explicitamente) alguns pressupostos ontológicos; Heidegger parte de fatos ônticos relativos aos adultos sadios e busca a sua estrutura ontológica, suas condições de possibilidade. Podemos, assim, encontrar uma semelhança, não só temática, mas de abordagem, entre as concepções de Winnicott e as de Heidegger: embora expressem suas análises e resultados de modos diferentes, ambos estão interessados em compreender o ser humano sob uma perspectiva existencial, e, igualmente, partem de processos vividos para descrever estruturas existenciais essenciais. De um modo geral, ambos estão interessados em entender como se originam os processos essenciais que caracterizam nosso modo de existir e que podem levar ou não a nos realizarmos essencialmente.

Heidegger, ao conceber o ser humano sob a perspectiva teórica de sua estrutura existencial, encontra no modo de existir humano seu caráter essencial. Para ele, a essência humana é o modo como existimos. E, sob a forma estrutural do Dasein (*ser-o-aí*), o ser humano é/existe-no-mundo-com outros. Para a articulação constitutiva desse ente que cada um de nós é, Heidegger apresenta três fenômenos (não categorias) ontológicos:¹ a *Sorge* (o *cuidado*), a *Besorge* (a *ocupação*) e a *Fürsorge* (o *importar-se-com*).

Do caráter constitutivo essencial do Dasein como *ser-no-mundo-com-outros*, Heidegger destaca o *Mitsein* (*ser-com*), o modo pelo qual outros como o *Dasein* vêm ao seu encontro no mundo compartilhado. Considerado apenas em seu caráter constitutivo, o *ser-com* pode colocar outros como o *Dasein* num modo de encontro como o da *ocupação*, em que os entes dados

¹ De acordo com Heidegger, há dois tipos de fenômenos: os ônticos (perceptíveis sensorialmente) e os ontológicos (não perceptíveis sensorialmente, mas que são condição de possibilidade dos primeiros). Assim, os “fenômenos ontológicos são, portanto, pela ordem os primeiros, mas, para serem pensados e vistos, são os segundos” (Heidegger 1987, p. 7). Cf. Heidegger 1927, § 3.

podem se encontrar juntos uns dos outros. Assim, afirmar que o *Dasein* é essencialmente *ser-com* não significa apenas dizer que, ao se encontrar junto a outros como ele, o *Dasein* não se encontra sozinho (1927, § 26). No modo de *ser-com* do *Dasein*, esse outro que vem ao seu encontro no mundo instaura o fenômeno existencial da *Fürsorge* (a capacidade de um ser humano *importar-se-com*, de cuidar de, um outro); com ele, o *Dasein* não se *ocupa*, mas *se-importa* (*idem*).

Segundo Heidegger, esse *importar-se-com* (*Fürsorge*) é essencial para nosso modo de *ser-com-outros*. Pois somos, existimos, graças ao outro (*umwillen Anderer*). Não podemos existir sozinhos. Em *Ser e tempo*, a *Fürsorge*, como fenômeno ontológico essencial do modo de *ser-com* do *Dasein*, não é analisada em seu caráter originário. Heidegger diz apenas de que modo ela possibilita nosso *ser-com-outros*.

Como fenômeno possibilitador do modo de *ser-com* do *Dasein*, a *Fürsorge* é um fenômeno ontológico e constitutivo, no entanto, o *Dasein* pode *ser-com* de modo deficiente, isto é, sem *importar-se-com* os outros como ele que vêm ao seu encontro no mundo. Assim como o *cuidado* e a *ocupação* que, articulados, determinam o modo de ser si-mesmo do *Dasein*, a *Fürsorge* pode realizar-se de modo não próprio, admitindo modos deficientes, privativos, uma vez que a possibilidade para o modo impróprio de existir do *Dasein* está sempre aberta. De acordo com Heidegger,

[...] no sentido de instituição social de fato, por exemplo, [a *Fürsorge*] funda-se na constituição ontológica do *Dasein* enquanto *ser-com*. Sua urgência provém do fato de, na maior parte das vezes e antes de tudo, o *Dasein* se manter nos modos deficientes de *Fürsorge*. O ser por um outro, contra um outro, sem os outros, o passar ao lado um do outro, o não sentir-se tocado pelos outros são modos possíveis de *Fürsorge*. E precisamente estes modos, que mencionamos por último, de deficiência e indiferença, caracterizam a convivência cotidiana e mediana de um com o outro. (1927, § 26)

Um ente que vive na abertura de suas possibilidades não pode ter seu *ser-moral* (ser-para a moralidade) determinado *a priori*. O *Dasein*

vive a moralidade como possibilidade de seu *ser-com-outros* mais próprio, como disposição. A determinação *a priori* de seu ser-moral lhe tiraria sua liberdade decisória, sua liberdade de agir, seu poder-ser todo. Nesse sentido, conforme Heidegger, para obtermos afirmações ôntico-ontológicas, devemos nos manter “numa demonstração fenomenal guiada pelo modo de ser do próprio ente” (1927, § 25). A indicação da constituição ontológica do *Dasein* que funciona como fio condutor é a de que a “essência do *Dasein* está fundada em sua existência”. E, assim, se “o *Dasein* só é ele próprio *existindo*, a constância desse ser-próprio, assim como a sua possível ‘inconstância’, exigem uma colocação ontológico-existencial da questão, enquanto único acesso adequado à sua problemática” (ibid.).

***Fürsorge* e *Concern*: a capacidade de *importar-se-com* como condição para o *ser-com-outros* moral**

Winnicott, especialmente em seu trabalho “O desenvolvimento da capacidade de concernimento” (1963b [1962]), ao examinar as relações entre mãe e bebê, identifica um estágio que ele chama *concernimento* (*concern*), em que a criança pode, ou não, começar a desenvolver a capacidade de *importar-se-com*, de se preocupar com o outro, de sentir e aceitar responsabilidade. Em seu sentido negativo, o concernimento pode ser definido como sentimento de culpa; para Winnicott, a capacidade para sentir culpa pode ser considerada o fundamento da moralidade: o que nos leva à responsabilidade pelos possíveis danos que possamos provocar nos outros em nossa relação com eles.

Para Heidegger, a idéia de culpa (*Schuld*) deve ser concebida a partir do modo de *ser-com* do *Dasein*. Essa idéia não deve ser buscada no âmbito das ocupações do *Dasein*, como referência ao dever ou à lei moral, mas a quem. Na perspectiva de Heidegger, o ser-culpado deve poder determinar a existência humana, num sentido originário, uma vez que a moralidade o pressupõe. Desse modo, se a interpretação ontológica se

mantiver próxima à experiência ôntica, uma interpretação mais originária da culpa abre possibilidades para uma interpretação existenciária mais originária da moralidade (Heidegger 1927, § 59; cf. Loparic 2003, p. 41).

Segundo Winnicott, nas relações iniciais mãe-bebê, o ser humano vai se constituindo quanto à sua capacidade de se relacionar com a realidade e com outros a partir do modo como é cuidado. Esse primeiro outro que nos cuida (que pode ou não ser a mãe) é responsável por levar o mundo a nós em seu caráter originário. Dependemos do outro para ingressarmos no mundo, para existirmos, e para que o mundo chegue a nós. Se esse processo essencialmente relacional se dá adequadamente, resultamos bem-sucedidos em nossas relações iniciais com a realidade externa; isso é fundamental para que possamos nos “dar bem na vida”. Por outro lado, um bebê malcuidado em seu início poderá ter sérias dificuldades para encontrar um mundo real com o qual possa se relacionar em seu desenvolvimento, realizando-se. O que virá a ser será resultado do cuidado que tiver recebido.

No início da vida humana não há nada. Do ponto de vista do desenvolvimento emocional primitivo, “quando um ser humano se percebe uma pessoa relacionada a outras pessoas, um longo caminho já foi percorrido” (Winnicott 1945d, p. 222). Tudo deve ser, e é de fato, construído a partir de estruturas herdadas como possibilidades realizáveis ou não em um relacionamento de “duas” pessoas. O que temos, então, no início, é uma tendência para existirmos de um determinado modo, que, se bem encaminhada, pode nos colocar na direção de uma relação adequada com o mundo e com os outros.

O momento do início que nos interessa nesse estudo é aquele em que o ser humano passa a poder se reconhecer como um em suas relações iniciais com esse primeiro outro (suporte dessas relações) e pode chegar a reconhecê-lo como aquele que lhe permite continuar existindo. Aqui se constitui a matriz relacional que estruturará todos os nossos relacionamentos futuros.

De acordo com Winnicott, no início, não somos um. Uma não-integração primária caracteriza o começo de nossa existência. E o caminho para o qual nossa tendência ao amadurecimento nos dirige é o da integração. O trabalho de uma vida humana inteira pode ser concebido como a busca de realização dessa unidade psicossomática integrada (o *poder-ser-todo* do *Dasein*), uma busca caracterizada por avanços e recuos, aquisições e perdas, que nunca pode ser considerada finalizada. Vivemos a integração como uma tendência, uma vez que pode ou não se realizar. Se não tivermos, no início, uma *única* pessoa que nos “junte os pedaços”, começamos a vida em desvantagem na nossa tarefa de auto-integração, e talvez nunca consigamos realizá-la ou mantê-la de modo confiante (1945d, p. 224).

Uma das concepções fundamentais que Winnicott desenvolve em sua análise do desenvolvimento emocional primitivo do ser humano é a de “ambiente”. No início de nossa vida, em que ainda não somos inteiros (um si-mesmo), não discernimos, ainda, entre aquilo que nos chega como fora de nós, o que é mundo e o que é outro. Nesse início, vivemos uma totalidade indiferenciada em que nos vemos no outro-como-mundo. A mãe é não só o próprio bebê, mas o mundo-ambiente e o outro-objeto. Nesse início, “pedaços da técnica do cuidar, de rostos vistos e sons ouvidos e cheiros cheirados são apenas gradualmente reunidos e transformados num único ser, que será chamado mãe” (ibid.).

A monotonia e a constância no modo como é cuidado pela mãe vão permitindo que o bebê – que passa, ao longo de seu dia, por momentos de calma e de agressividade – construa também uma sensação de continuar existindo, uma sensação de confiança no ambiente que o recebe e sustém. Nesse processo, o bebê deve aprender também a discernir entre realidade e fantasia em suas relações objetais e a reunir em sua representação as “diferentes” pessoas que cuidam dele em cada momento em uma só pessoa: a mãe-ambiente, dos momentos de calma e descoberta, e a mãe-objeto, dos momentos do ataque instintivo.

Winnicott situa a origem desse processo nas relações iniciais do bebê com o seio materno durante a amamentação: um processo instintivo da urgência do existir. É, portanto, o resultado de um processo essencialmente relacional que é vivido por ambos: mãe e bebê. Nesse contexto, afirma Winnicott, “o bebê tem impulsos instintivos e idéias predatórias. A mãe tem o seio e o poder de produzir leite, e a idéia de que ela gostaria de ser atacada por um bebê faminto. Esses dois fenômenos não estabelecem uma relação entre si até que a mãe e o bebê *vivam juntos uma experiência*”. É a mãe “quem produz uma situação que, com sorte, pode resultar no primeiro vínculo estabelecido pelo bebê com um objeto externo, um objeto que é externo ao eu do ponto de vista do bebê” (1945d, p. 227).

Para Winnicott, o relacionamento primário com a realidade externa representa um enorme avanço no desenvolvimento emocional primitivo. O sucesso em estabelecer uma relação adequada com a realidade externa é determinante na história do indivíduo. Sem ela, o *ser-no-mundo*, enquanto um dos aspectos do modo de ser do *Dasein*, fracassa em sua relação com a realidade externa, o mundo, em que os objetos e os outros vêm ao nosso encontro. De acordo com Winnicott:

É especialmente no início que as mães são vitalmente importantes, e de fato é tarefa da mãe proteger o seu bebê de complicações que ele ainda não pode entender, dando-lhe continuamente aquele pedacinho simplificado do mundo que ele, através dela, passa a conhecer. Somente com base numa fundação desse tipo pode desenvolver-se a percepção objetiva ou a atitude científica. Toda falha relacionada à objetividade, em qualquer época, refere-se à falha nesse estágio do desenvolvimento emocional primitivo. (1945d, p. 228; cf. Loparic 2003, p. 53)

Segundo Winnicott, após ser começada a integralização da personalidade do bebê nas suas relações iniciais com a mãe, “ainda resta uma longa caminhada antes de passar a relacionar-se como pessoa total com uma mãe total, e passar a importar-se com as conseqüências de seus próprios pensamentos e atos sobre ela” (1945d, p. 230).

Winnicott identifica nas relações iniciais do bebê com a mãe uma fase de agressividade não-intencional: movido por impulsos de motilidade e urgências instintivas, o bebê se mostra agressivo, na perspectiva do observador. Winnicott descreve essa fase teoricamente como a do *pré-concernimento*, em que há ausência de *concernimento*: “a criança existe como uma pessoa e tem propósitos, mas não tem ainda concernimento quanto aos resultados” (1988, p. 290). Os ataques incompadecidos (*ruthless*) do bebê ao corpo da mãe são sentidos, no entanto, como experiências altamente prazerosas, uma vez que não são intencionais, mas apenas resultantes de seus impulsos instintivos de descobrir a si mesmo, o espaço fora de si e o outro que o sustenta nessa atividade. Essa agressividade é importante para o desenvolvimento emocional primitivo do ser humano. Se for perdida ou refreada, perdemos uma parte de nossa capacidade de amar, de nos relacionarmos com objetos. Nessa fase, a criança “ainda não considera importante o fato de que o que ela destrói quando excitada é a mesma coisa que ela valoriza nos calmos intervalos entre as excitações. Seu amor excitado inclui um ataque imaginário ao corpo da mãe. Aqui vemos a agressividade como fazendo parte do amor” (1958b [1950], pp. 290-1).

Uma vez atingido o estágio relacional em que o bebê uniu as duas mães em uma (a mãe da relação de dependência à mãe objeto de amor instintivo), o bebê atinge a ambivalência psicossomática, passando a experimentar uma certa angústia em relação ao dano que imagina provocar ao consumir o objeto de amor, que lhe provê a vida, o alimento. De acordo com Winnicott, “[a] realidade psíquica interior que Freud nos ensinou a respeitar agora se torna uma coisa real para o bebê, que agora sente que esta riqueza pessoal reside dentro dele próprio. Esta riqueza pessoal se desenvolve fora da experiência simultânea de amor-ódio que implica a conquista da ambivalência, o enriquecimento e refinamento do que precede a emergência do concernimento” (1963b [1962], p. 75).

Nessa fase, ao mamar, o bebê imagina que faz buracos na mãe, e, uma vez que agora sente a mãe como uma só pessoa, ele se sente culpado

por esses danos que imagina provocar no corpo dela. O bebê passa a se preocupar com a mãe, pois sabe que ela é quem o mantém vivo, quem permite que exista. Após o ataque instintivo na urgência do alimentar-se, surgem sentimentos bons e ruins: a satisfação do alimento e a ansiedade em relação aos possíveis danos provocados. Se os danos forem muito grandes, a mãe pode não voltar. Daí o sentimento de culpa que exige e espera pela oportunidade de reparação construtiva. Se a mãe não volta, a culpa se torna insuportável. Se a mãe sobrevive, o bebê pode oferecer algo para reparar o dano. A mãe deve poder aceitar sua oferenda, reconhecendo o gesto de doação.

Para Winnicott, o bebê que teve essa sorte “está agora em condições de fazer algo a respeito daquele buraco, o buraco no seio ou no corpo, criado imaginariamente no momento instintivo original”. Se a mãe fizer a sua parte, lidando bem com os aparentes ataques agressivos do bebê nessas fases, e aceitando o que o bebê concernido oferece, o “gesto de doação pode vir a alcançar o buraco” (1955c, p. 365), e o bebê tem grandes chances de canalizar sua agressividade na direção positiva do estágio do concernimento, como uma conquista de seu desenvolvimento emocional normal.

É somente quando o bebê bem cuidado por uma mãe viva e não depressiva alcança um certo grau de integração do si-mesmo, em que pode perceber a figura da mãe como a mesma que o sustenta em seus momentos de excitação e calma, que ele pode então se aperceber de que suas experiências instintivas (tanto físicas como imaginárias) podem ter conseqüências sobre aquela pessoa que é tudo para ele e sem a qual pode deixar de existir. Aqui, o bebê pode desenvolver o que Winnicott chama *concernimento* ou capacidade de sentir culpa, que se refere “ao dano que a criança imagina haver causado à pessoa amada nos momentos do relacionamento excitado” (1945d, p. 291). De acordo com Winnicott, “essa é a única culpa verdadeira, visto que a culpa implantada é falsa para o eu. A culpa surge através da junção das duas mães, e do amor tranquilo ao amor excitado, e do amor ao ódio, e este sentimento vem compor, à

medida que cresce, uma fonte normal e saudável de atividade nos relacionamentos. Esta é uma das fontes da potência e da construtividade sociais [...]” (1955c, p. 365).

Considerações finais

Assim, a descrição fenomenológica do momento da urgência do existir, em que a capacidade de um ser humano *importar-se-com-outro* pode ser desenvolvida, desvela a origem do *ser-com* moral do *Dasein* como uma possibilidade existenciária de sua existência, um fenômeno de sua relação com o outro, vivido a partir de seu *ser-com* mais essencial.

Nessa interpretação que propomos, podemos dizer, então, que, para Heidegger, o *ser-com-outros*, que tem caráter constitutivo no modo de existir do ser humano, é determinado essencialmente pela *Fürsorge*, que, apesar de essencial para esse nosso modo de existir, pode não se realizar de modo próprio, e, assim, podemos *ser-com-outros* sem nos *importarmos-com* eles.

Em Heidegger, a falta de moralidade é sempre uma privação, isto é, uma modificação da estrutura essencial, portanto, preexistente, do ser humano. E nesse sentido, de acordo com Heidegger, a moralidade está na estrutura, ela não é adquirida. Para Winnicott, ao contrário, a moralidade, sob a forma da capacidade de concernimento, que leva à responsabilidade em nossas relações com os outros, pode não ser adquirida. Nesse caso, temos uma falha no amadurecimento e, assim, uma falha na própria estrutura da existência. A criança segue “incompadecida” (*rutbless*), não responsável, portanto. O *concernimento* é uma capacidade ôntica e adquirida, e, enquanto tal, só pode “elucidar” a *Fürsorge* no sentido de ser um exemplo factual, concreto, da realização, da facticidade, desse elemento estrutural (essencial) do *Dasein*.

Ao descrever o fenômeno essencial da *Sorge* (cuidado “de-si”), caracterizando o *Dasein* essencialmente como *ser-para-a-morte*, Heidegger

admite ter deixado de analisar o fenômeno fundamental do nascimento (*Geburt*) (1927, § 72). Heidegger pensa a *Fürsorge* – enquanto capacidade de *importar-se-com* os outros – a partir da estrutura de existência de um ser humano *adulto e sadio*, solidamente constituída, sem levar em conta o processo de amadurecimento do tipo winnicottiano que garante essa constituição. Nesse sentido, a acontecência de Heidegger é útil para pensar esse processo, mas não basta para elucidar ontologicamente todos os seus traços.

Assim, partindo da perspectiva de Winnicott, podemos dizer que a abordagem de Heidegger não contempla a acontecencialidade do ser humano e, em particular, a dependência durante o amadurecimento, a facilitação possibilitada pelos outros seres humanos no processo que lhe permita adquirir a estrutura do existir de um adulto sadio (*Dasein*). (Em Heidegger, não há uma teoria do *ser-para-o-início*; nos termos de Winnicott, não há uma teoria do bebê humano, do ser humano em seus momentos iniciais). Ou seja, na abordagem de Heidegger, os existenciais não são suficientes para descrever o existir inicial dos bebês humanos. Assim, a analítica existencial deve poder ser ampliada para poder dar conta, no plano ontológico, de fenômenos ônticos descobertos pela psicanálise winnicottiana.

Portanto, se a *Fürsorge* tem a propriedade de caracterizar o modo de *ser-com* do *Dasein* em sentido próprio – nesse caso, seu *ser-com* moral –, ao determinarmos a origem desse fenômeno essencial do *ser-com*, determinaríamos a origem da moralidade. É nesse ponto que, em uma busca pela origem da moralidade, a descrição que Winnicott faz da origem da capacidade de *concernimento* pode vir a complementar a concepção heideggeriana do modo de *ser-com* do *Dasein*, ao permitir elucidar a origem da *Fürsorge* como fenômeno essencial do modo de *ser-com-outros* do *Dasein* em *Ser e tempo*.

Referências

- Dias, Elsa Oliveira 2003: *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro, Imago.
- Heidegger, Martin 1927: *Sein und Zeit*. GA 2. Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1976. Tradução brasileira: *Ser e tempo*. Rio de Janeiro, Vozes, 2002.
- _____. 1987: *Zollikoner Seminare*. Hrsg. von Medard Boss. Frankfurt a/M, Klostermann. Tradução brasileira: *Seminários de Zollikon*. Rio de Janeiro, Vozes, 2000.
- Loparic, Zeljko 2003: *Sobre a responsabilidade*. Porto Alegre, EDIPUCRS.
- Winnicott, Donald W. 1945d: “Desenvolvimento emocional primitivo”. In: Winnicott 1958a.
- _____. 1955c: “A posição depressiva no desenvolvimento emocional primitivo”. In: Winnicott 1958a.
- _____. 1958a: *Textos selecionados – da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 2000.
- _____. 1958b [1950]: “A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional”. In: Winnicott 1958a.
- _____. 1963b [1962]: “The development of the capacity of concern”. In: Winnicott 1965b, pp. 73-82.
- _____. 1965b: *The Maturational Process and the Facilitating Environment*. Londres, Karnac.
- _____. 1988: *Natureza humana*. Rio de Janeiro, Imago, 1989.